

BEATRIZ VALENTE SILVA

**MEMÓRIAS SOB O MESMO CÉU:  
relatos de estudantes estrangeiros em Viçosa**

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2022

BEATRIZ VALENTE SILVA

**MEMÓRIAS SOB O MESMO CÉU:  
relatos de estudantes estrangeiros em Viçosa**

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Kátia de Lourdes Fraga

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2022



Universidade Federal de Viçosa  
Departamento de Comunicação Social  
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Memorial intitulado *Memórias Sob o Mesmo Céu: relatos de estudantes estrangeiros em Viçosa*, de autoria da estudante Beatriz Valente Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kátia de Lourdes Fraga – Orientadora  
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariana Ramalho Procópio Xavier  
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

---

Dr.<sup>a</sup> Elisa Sialino Müller  
Assistente em Assuntos Internacionais – Diretoria de Relações Internacionais (UFV)

## AGRADECIMENTOS

Uma jornada de quatro anos que acabou se transformando em seis. Passei por muitos altos e baixos durante esse período e tive minhas dúvidas em certos momentos se eu levaria a graduação adiante. Em meio a dificuldades, obstáculos, desânimos e até mesmo uma pandemia, finalmente fechei esse ciclo e me torno bacharel em Comunicação Social. E não posso deixar de mencionar todos aqueles que, seja com um ombro amigo ou uma palavra de incentivo, ajudaram-me a chegar até aqui.

Minha mãe, Maria Carmem, sempre foi, acima de tudo, minha amiga mais próxima. Nunca me forçou a fazer nada que eu não me sentisse confortável e, quando anunciei que queria me formar em Jornalismo, foi a pessoa que mais me incentivou a seguir este caminho. E é para ela que dedico este livro. Obrigada por ser sempre a minha força. Agradeço também à minha irmã, Bruna, que mesmo em meio aos nossos desentendimentos não me deixava desistir.

Paloma e Carol, que foram as primeiras pessoas a ouvirem a ideia para esse livro, acompanhando cada passo desse trabalho... Obrigada por estarem sempre me ajudando no que eu preciso e por fazerem parte de momentos tão importantes para mim. Podem ter certeza de que serão as primeiras a saberem dos meus próximos passos. Agradeço à Kátia Fraga, minha professora orientadora, por ter aceitado entrar nessa ideia comigo. Não posso deixar de mencionar os Embaixadores UFV, que me acolheram durante três anos e meio. Foi uma experiência que deixou em mim uma marca permanente e gerou lembranças que levarei para toda a vida.

Por fim, agradeço aos estudantes que menciono neste livro. Momate, Isaac, Shinny, Marc, Freek, Micailo, Ana e Lady, obrigada por embarcarem nesta ideia junto comigo e por aceitarem compartilhar seus relatos comigo e com os futuros leitores. Espero que eles sintam a mesma emoção que senti ao ouvirem as histórias de vocês.

## RESUMO

O livro-reportagem “*Memórias Sob o Mesmo Céu: relatos de estudantes estrangeiros em Viçosa*” é um projeto experimental produzido como trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). O produto é composto pelas narrativas de oito estudantes estrangeiros de sete países ao redor do mundo. Compreendendo que cada um deles traz sua bagagem cultural, o livro-reportagem é dividido em capítulos, nos quais são narradas suas experiências no Brasil, bem como o processo de adaptação e as maiores dificuldades enfrentadas. Foram utilizados conceitos de Edvaldo Pereira Lima (2004; 2009), Felipe Pena (2006) e Pedro Celso Campos (2009) para jornalismo literário; Mônica Martinez (2009; 2017; 2019), Liliana Bastos (2004), Gabriele Rosenthal (2014) e Cláudio Lessa (2015) para narrativas de vida; Caterina Koltai (1998) para estrangeiros e Néstor García Canclini (1989) para hibridismo cultural.

**Palavras-chave:** Livro-reportagem; narrativas de vida; estrangeiros; hibridismo cultural.

## ABSTRACT

The book-report “*Memórias Sob o Mesmo Céu: relatos de estudantes estrangeiros em Viçosa*” is an experimental project produced as a course conclusion demand to obtain the Social Communication - Journalism’s bachelor in the Federal University of Viçosa. The product is composed of narratives of eight foreigners from seven countries around the world. Understanding that each one of them brings their cultural baggage, the book-report is divided into chapters, where their experiences in Brazil are narrated, as well as the adaptation process and the greatest difficulties faced by them. Concepts from Edvaldo Pereira Lima (2004; 2009), Felipe Pena (2006) and Pedro Celso Campos (2009) were used for literary journalism; Mônica Martinez (2009; 2017; 2019), Liliana Bastos (2004), Gabriele Rosenthal (2014) and Cláudio Lessa (2015) for life narratives; Caterina Koltai (1998) for foreigners and Néstor García Canclini (1989) for cultural hybridity.

**Keywords:** Book-report; life narrative; foreigners; cultural hybridity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do livro.....	22
Figura 2 - Foto e ilustração de Momate.....	24
Figura 3 - Foto e ilustração de Shinny.....	25
Figura 4 - Foto e ilustração de Freek, à esquerda, e Marc, à direita.....	27
Figura 5 - Foto e ilustração de Micailo .....	28
Figura 6 - Foto e ilustração de Ana Flores .....	30
Figura 7 - Foto e ilustração de Isaac.....	31
Figura 8 - Foto e ilustração de Lady.....	33

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>O ESTRANGEIRO .....</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>O LIVRO-REPORTAGEM E AS NARRATIVAS DE VIDA.....</b>	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>A PRODUÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM .....</b>	<b>17</b>
4.1	Pré-produção .....	17
4.2	Produção e escrita .....	19
4.3	Pós-produção .....	21
<b>5</b>	<b>PERSONAGENS.....</b>	<b>23</b>
5.1	Momate Emate Ossifo .....	23
5.2	Shinny Beulah.....	24
5.3	Marc Michielsen e Freek Bomas .....	26
5.4	Micailo Chames M. Freitas.....	27
5.5	Ana Carolina Flores Mayorga.....	28
5.6	Isaac Andres Mora Obando .....	30
5.7	Lady Diana Choque Olivares.....	32
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>33</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Contar histórias é uma tradição humana. Seja de forma oral ou escrita, contar histórias é uma arte presente no dia a dia das pessoas, em diferentes níveis e aprofundamentos. E o jornalismo, historicamente, nada mais é do que a prática de contar histórias e narrar memórias transformada em ofício. Felipe Pena, em seu artigo *O jornalismo literário como gênero e conceito* (2006), afirma que as origens do jornalismo podem ser traçadas há séculos. O homem, por medo e curiosidade do que é desconhecido, sempre esteve em busca do conhecimento. Enquanto cientistas, filósofos, navegadores e viajantes desbravavam o mundo, era necessário algum tipo de relato. A história oral é marcante na humanidade desde seus primeiros registros – seja por anúncios em praças públicas na Grécia Antiga ou por conversas com viajantes nos *pubs* e cafês da Londres do século XVII.

O presente trabalho – guiado pelas vertentes teóricas de Edvaldo Pereira Lima (2004; 2009), Felipe Pena (2006) e Pedro Celso Campos (2009) sobre jornalismo literário, e por Mônica Martinez (2009; 2017; 2019), Liliana Bastos (2004), Gabriele Rosenthal (2014) e Cláudio Lessa (2015) ao que se refere às narrativas de vida dentro do contexto do jornalismo – inspirou-se na tradição de narrar histórias para relatar a trajetória de oito estudantes estrangeiros vinculados à Universidade Federal de Viçosa (UFV), durante seu tempo na cidade de Viçosa, Minas Gerais. A motivação da autora pelo tema se deve ao contato direto que teve com estudantes de mobilidade internacional no tempo como voluntária no projeto de extensão Embaixadores UFV, no decorrer dos anos de 2018 a 2021. Ao conviver com diferentes pessoas de diferentes culturas, o desejo de conhecer mais a fundo e poder dividir esses relatos culminou na produção do livro-reportagem intitulado *Memórias Sob o Mesmo Céu*.

O projeto Embaixadores UFV foi lançado, inicialmente, em 2013 como um programa divulgado por edital pela Diretoria de Relações Internacionais, com “objetivo de nomear estudantes que desejam atuar como voluntários no processo de internacionalização da universidade” (DRI, 2013, p. 59). No entanto, somente em 2015 ele foi reformulado e registrado no RAEX (Registro de Atividades de Extensão da UFV), com o número de registro PRJ – 249/2015. Seu principal objetivo é, ainda hoje, auxiliar, integrar e orientar estudantes de mobilidade nacional e internacional em seus primeiros passos na universidade, tendo como segundo plano a troca de experiências culturais e acadêmicas entre os auxiliados e a comunidade viçosense.



Segundo o primeiro relatório anual disponibilizado no site da Diretoria de Relações Internacionais da UFV (DRI), de 2011, a mobilidade acadêmica vem desde a década de 1950, com uma colaboração entre a UFV e a Universidade de Purdue, no estado de Indiana, Estados Unidos. Diversos professores foram cursar pós-graduação *stricto sensu* e, em 1961, professores da universidade americana ajudaram na criação do primeiro Programa de Pós-Graduação no Brasil (DRI, 2011, p. 11). Apesar de a troca acadêmica ter décadas de registro na instituição brasileira, apenas em 2013 foi estruturado um programa efetivo de auxílio específico para estrangeiros vinculados à universidade que chegavam em Viçosa, sendo criado, assim, o projeto Embaixadores UFV.

De acordo com os relatórios disponibilizados pela DRI que englobam os anos de 2010 a 2020, é possível ver o número crescente de estudantes que chegaram ao *campus* Viçosa vindo de outros países. Eles vieram por meio de vários programas de graduação e pós-graduação – completa ou semestre-anual. Em 2010, a Universidade Federal de Viçosa recebeu 75 estudantes no total e 110 em 2011. Em 2012, foram 136 e, em 2013, o número subiu para 228. Em 2014, a UFV recebeu ao todo 373 estudantes estrangeiros, enquanto em 2015 foram 439 estudantes. Em 2016, esse número subiu para 497 e em 2017 foram 396 estudantes recebidos. Já em 2018 foram 363 e, em 2019, 337 estudantes.

O último relatório no site é de 2020, que consta um total de 304 estudantes inscritos durante o ano. Devido à pandemia de covid-19<sup>1</sup>, o ano de 2020 foi atípico. A UFV recebeu normalmente os estudantes no primeiro semestre e os números constam todos aqueles matriculados durante o ano, incluindo os estudantes que permaneceram ou não na cidade após a suspensão das aulas em março, os estudantes que estavam realizando o curso completo e os que realizaram atividades de forma remota.

Com o aumento de casos no mundo e a suspensão das aulas, os editais de intercâmbio foram cancelados e os aceites de estudantes estrangeiros foram suspensos, mas a DRI continuou com o trabalho remoto. A diretoria implementou a parceria entre o FARA (*Forum for Agricultural Research in Africa*) e o Tetfund (*Tertiary Education Trust Fund*), possibilitando que cerca de 55 nigerianos ingressem em 20 cursos de mestrados nos três *campi* da UFV, nas áreas agrícola e alimentar, já no segundo semestre. Segundo o último relatório disponível no

---

<sup>1</sup> Há dois anos, no dia 11 de março de 2020, quase três meses após a descoberta dos primeiros casos em Wuhan, na China, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o início da pandemia mundial de Covid-19, uma infecção respiratória aguda causada pelo vírus SARS-CoV2, com potencialidade grave e de alta transmissão e distribuição global. A doença já matou cerca de 6 milhões de pessoas ao redor do mundo e 500 milhões foram infectados durante esse período de dois anos (BRASIL, 2021; Jornal Nacional, 2022).

site, “foi o maior ingresso de estudantes estrangeiros de Língua Inglesa na instituição até o momento” (DRI, 2020, p. 36).

São centenas de pessoas de diversos países que passaram pela cidade de Viçosa, tendo contato com a cultura mineira através de diferentes olhares. Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo central abordar histórias sobre o outro<sup>2</sup> por meio do jornalismo literário, o que requer uma visão ampla e certa sensibilidade quanto à alteridade,

isto é, a abertura para a tentativa da compreensão do outro, sem que haja necessidade de endossar a visão de mundo. Afinal, sabemos de antemão o que já conhecemos sobre o mundo alheio. Interessa descobrir o que o outro pensa, sente e faz para criar relatos imersivos e envolventes. (MARTINEZ, 2017, p. 27).

As entrevistas que compõem os perfis presentes no livro-reportagem *Memórias Sob o Mesmo Céu* levam em consideração a alteridade, respeitando as diferentes visões dos personagens sobre suas experiências. Compreendendo que cada um veio à Viçosa com uma bagagem cultural divergente entre si e da autora, a condução das perguntas foi feita respeitando o pensamento e o sentimento de cada um sobre seu respectivo relato.

Os objetivos específicos deste trabalho englobam compartilhar histórias de pessoas que tiveram experiências em Viçosa e na universidade a partir da perspectiva de diversas culturas; além disso, mostrar que, mesmo estando na mesma cidade, cada um teve uma experiência diferente e, por fim, mostrar que como ter um suporte foi um diferencial para o início da trajetória deles na cidade.

Ao todo, foram seis entrevistas individuais e uma em dupla, realizadas em 2019 – antes do período de pandemia e inicialmente para uma disciplina de Jornalismo Literário – e em 2022, já com este projeto experimental em andamento. Oito estrangeiros foram selecionados para compor este projeto a partir das vivências desta autora no projeto Embaixadores UFV: Momate Ossifo, de Moçambique; Isaac Obando, do Equador; Shiny Beulah, da Índia; Marc Michielsen e Freek Bomas, ambos da Holanda; Micailo Freitas, da Angola; Ana Flores, de Honduras; e Lady Diana, do Peru.

Todas as entrevistas foram feitas em locais que seriam propositalmente mais confortáveis às pessoas que concordaram em estar ali compartilhando suas histórias. A intenção era encontrá-los em cafeterias, padarias ou sorveterias e conversar casualmente enquanto algumas perguntas eram feitas para conduzir a troca. O intuito não é refletir sobre suas

---

<sup>2</sup> Aqui, não utilizamos o outro como conceito. Quando graficamente estilizado como “Outro”, entre aspas e com inicial maiúscula, nos referimos ao conceito de discutido por Koltai (1998) em seu livro *O estrangeiro*.

experiências de toda a vida, mas as memórias criadas em solo brasileiro e como o intercâmbio os marcou das mais diversas formas. Os relatos aqui contados são de autoria dos personagens de acordo com suas verdades.

A estrutura deste memorial, a seguir, contempla um tópico, “O estrangeiro”, sobre estrangeiros e suas culturas singulares. No item três, “O livro-reportagem e as narrativas de vida”, fala-se sobre os conceitos de jornalismo literário e narrativas de vida, bem como definição e caracterização de um livro-reportagem. Em “A produção do livro-reportagem”, é demonstrada a metodologia e o relatório técnico, abordando os processos de pré-produção, produção e pós-produção utilizadas no trabalho. “Personagens” é um item dedicado aos perfis selecionados para compor este TCC, assim como mais detalhes sobre suas entrevistas. Por fim, as considerações finais sobre o projeto experimental.

## 2 O ESTRANGEIRO

A Diretoria de Relações Internacionais (DRI) da Universidade Federal de Viçosa (UFV) contabilizou, entre os anos de 2010 e 2020, um total de 3.258 estrangeiros em mobilidade acadêmica de curta duração ou curso completo no *campus* de Viçosa, divididos entre graduação, mestrado e doutorado. Segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), feito em 2010, entre as mais de 72 mil pessoas que residiam na cidade de Viçosa, em Minas Gerais, 226 vieram de fora do Brasil, sendo 134 de nacionalidade estrangeira e 92 naturalizados brasileiros<sup>3</sup>.

Mas, afinal, o que é o estrangeiro?

Para Caterina Koltai (1998), que vivenciou sua primeira imigração aos dois anos de idade fugindo com a família do extermínio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, *estrangeiro* é aquele que provoca fascínio, que atrai e que repele. É um termo que permeou a história e os mitos, com o exílio forçado ou voluntário tendo forte presença na criação literária (KOLTAI, 1998). No senso comum, o estrangeiro é o “Outro” que vem de fora e que pode ser repatriado. Em questões sociopolíticas, ele ocupa uma categoria que o “fixa numa alteridade que implica, necessariamente, uma exclusão” (KOLTAI, 1998, p. 21-22). O antropólogo Néstor García Canclini (1989) indica que o *hibrido* enquanto estrangeiro possui antecedentes desde que começaram os intercâmbios entre sociedades. Um termo tirado da biologia para análises

---

<sup>3</sup> Dados obtidos no site do IBGE.

socioculturais possibilitou a ambiguidade de sua aplicação e, por isso, Canclini passa a considerar *hibridação* os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 1989, p. XIX).

Já Caterina Koltai (1998) afirma que foi por volta do século XVII que o termo *estrangeiro*, no conceito que mais se aproxima de como o conhecemos hoje, apareceu na linguagem. Ele deixa de ser um simples “não-familiar” para se tornar uma categoria sociopolítica de exclusão, com tudo o que isso comporta. Após deliberação sobre as variadas vertentes de *cultura*, Canclini (2005) apresenta uma “definição operacional” amplamente aceita por disciplinas que veem em *cultura* uma referência aos *processos de significação*, abarcando “o conjunto de processos sociais de significação ou [...] processos de produção, circulação e consumo de significação na vida social” (CANCLINI, 2005, p. 41) e, assim, não reduzindo a palavra a apenas um conjunto de obras expostas em museus e materiais carregados de símbolos.

Dessa forma, seguindo a análise de Canclini (2005, p. 43), é possível reconhecer que a cultura pode também ser vista como a “instância em que cada grupo organiza sua identidade”. Ela, no entanto, não é imutável e as complexidades do mundo globalizado abarcam ainda mais a interculturalidade que permeia as sociedades atuais. Pessoas de culturas diferentes se influenciam mutuamente ao interagirem entre si, cruzando e combinando repertórios simbólicos.

Em sua análise voltada à política e à psicanálise e com relatos de experiência pessoal na organização de *O estrangeiro* (1998), Caterine Koltai afirma que as migrações deixam marcas. O hibridismo cultural foi um conceito que facilitou para sociólogos traduzirem as marcas deixadas pelas misturas interculturais ocorridas, de formas planejadas ou não, pelos processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico e comunicacional (CANCLINI, 1989). Tanto Canclini quanto Koltai acreditam que as culturas que se intercalam nunca voltam ao seu estado original isolado e de pureza após as misturas e contribuições entre si. Segundo Koltai (1998), “em todos os lugares, com maior ou menor intensidade, a figura do estrangeiro se opõe a realização do fantasma da restauração dos laços identificatórios” (KOLTAI, 1998, p. 19).

Cada “Outro” acolhido em Viçosa traz sua bagagem. Os estrangeiros são acolhidos todos os anos na cidade universitária e deixam suas marcas naqueles com quem convivem. A hospitalidade se estende de ambos os lados: viçosenses acolhem estrangeiros em suas casas e cotidianos, e os estrangeiros compartilham com eles traços de suas culturas locais. A hibridação que ocorre em cidades que recebem intercâmbios internacionais não some facilmente. E este

Trabalho de Conclusão de Curso visa abordar as marcas deixadas e recebidas pelos estrangeiros que por aqui passam.

### 3 O LIVRO-REPORTAGEM E AS NARRATIVAS DE VIDA

As histórias de estrangeiros serão contadas no livro-reportagem, elaborado na perspectiva do jornalismo literário e das narrativas de vida nos relatos dos perfis. Dentre as etapas e características do trabalho de um jornalista, apurar a veracidade dos fatos e informações do interesse público é uma parte essencial da profissão. Os relatos focados na estrutura do lide<sup>4</sup> são uma rotina diária nas redações, mas o jornalismo literário não apenas foge das amarras do jornalismo tradicional, como potencializa seus recursos. Suas técnicas narrativas não são ignoradas, mas são desenvolvidas em uma nova estratégia (PENA, 2006), permitindo que haja uma transição entre os campos literários e jornalísticos sem uma definição exata do que os separa (LIMA, 2004).

Seguindo a onda contracultural que permeou as décadas de tensão da Guerra Fria (do final da década de 1940 ao início da década de 1991), autores notórios passaram a dar novos direcionamentos ao gênero do jornalismo literário, dando início ao *new journalism*<sup>5</sup>. Nomes como Truman Capote – com sua cobertura para a revista *The New Yorker* do assassinato brutal de uma família de fazendeiros em 1959 no interior do Kansas, o que mais tarde gerou o livro *A sangue frio* (1965) – e Tom Wolfe – que passa a utilizar de conhecimentos da literatura em seus textos jornalísticos e posteriormente se torna uma espécie de pensador na área – “rompiam a dicotomia entre as identidades respectivas de jornalista e de escritor, gerando um novo patamar de possibilidades no cenário cultural” (LIMA, 2009, p. 147). Na época, os jornalistas “buscavam indivíduos que, a partir de trechos da sua história relacionados ao fato, pudessem representar o todo” (SILVA, 2010, p. 404). É uma área ainda hoje em construção e possibilita diversas produções marcadas pela pluralidade de vozes que não se contentam com investigações comuns (MARTINEZ, 2017).

---

<sup>4</sup> Técnica jornalística para iniciar uma matéria com respostas para as perguntas: O que? Quem? Como? Onde? Quando? Por quê?

<sup>5</sup> O termo *new journalism*, segundo a análise de Andresa de Oliveira e Plínio Leal sobre a obra de Marcelo Bulhões (2007), refere-se não a um movimento ou um manifesto propriamente dito, mas a uma atitude de prática textual adotada por jornais e revistas, que posteriormente se tornou grandes narrativas redigidas em livros (BULHÕES, 2007, p. 145, *apud* OLIVEIRA; LEAL, 2013, p. 5).

No entanto, segundo Felipe Pena (2006), o jornalismo literário não se resume a um desvio literário no livro-reportagem, mas significa uso de tal recurso para expandir a visão da realidade ao romper com características que limitam o jornalismo cotidiano atual, como a periodicidade e a atualidade. Afastando-se de tais conceitos, há uma maior ênfase no tema selecionado, seja na perspectiva de extensão ou de aprofundamento, do que a encontrada na imprensa tradicional. Diferenciando-se também do livro literário ficcional ao qual estamos acostumados, há uma abordagem factual e verossímil, com linguagem e edição jornalística (LIMA, 2004). Lima acrescenta que “são as técnicas da reportagem de que se vale o livro de relato do real para se comunicar” (LIMA, 2004, p. 39).

O cidadão comum nem sempre é a primeira escolha para ser entrevistado, mas ele também possui histórias que valem a pena serem contadas, experiências que devem ser compartilhadas. A disponibilidade de um tempo maior para apuração de um livro-reportagem permite uma abordagem mais profunda e detalhada. A liberdade temática que o jornalismo literário oferece permite uma seleção de histórias não priorizadas nas redações. Felipe Pena (2006) completa que

como não há tempo no jornalismo diário, os repórteres sempre procuram os personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso. Mas é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados. (PENA, 2006, p. 8).

Nessa perspectiva, dentre as diversas classificações apresentadas por Edvaldo Pereira Lima em uma das mais completas obras sobre o gênero, o livro *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2004), o livro-reportagem perfil permite a expressão desse cidadão anônimo, bem como a de uma personalidade pública. No presente trabalho, as pessoas anônimas são os estudantes estrangeiros que vieram para Viçosa, por meio de vínculos com a Universidade Federal de Viçosa, representando, assim, por suas características e circunstâncias, um determinado grupo.

O uso da linguagem literária é fundamental para prender a atenção do leitor em um livro-reportagem perfil, sobretudo quando os personagens ali esmiuçados são pessoas anônimas. Bem como descrito por Espeiorin e Sólío (2012, p. 5) na análise *Uma pitada de literatura no jornalismo: o perfil na Revista Piauí*, tal gênero vai além de

[...] uma simples descrição da vida de uma pessoa. Longe disso. Um perfil bem elaborado deve atentar para os vários fatores que compõe a personalidade, quanto à aparência de uma pessoa. Precisa analisar e criar relações com o ambiente em que vive o personagem da reportagem. (ESPEIORIN; SÓLIO, 2012, p. 5).

Para os padrões do jornalismo cotidiano em que cada espaço na mídia impressa é disputado por informações fragmentadas, os perfis são considerados extensos para jornais e revistas (VILAS BOAS, 2003, p. 11), mas, se comparados a biografias em livros, sua narrativa é curta em tamanho e tempo de validade de algumas informações. Isto é, “diferentemente, das biografias em livro, em que os autores têm de enfrentar os pormenores da história do biografado, os perfis podem focalizar em apenas alguns momentos da vida da pessoa” (VILAS BOAS, 2003, p. 13).

Esses momentos captados da vida do personagem são um importante fio condutor na construção do livro-reportagem perfil. A apuração de tais obras utiliza o recurso das histórias de vida, entre tantos outros, para realçar a humanização em reportagens de profundidade. Tal recurso é reconhecido pela utilização clássica de entrevista<sup>6</sup>, depoimento direto ou uma mescla dos dois, tanto em primeira quanto em terceira pessoa (LIMA, 2004). As histórias de vida vêm muitas vezes aliadas à memória, outro recurso de destaque no livro-reportagem, sendo “entendido como resgate de riquezas psicológicas e sociais” (LIMA, 2004, p. 127).

Segundo Liliana Cabral Bastos (2004), narrativa já não é mais a representação de acontecimentos que já se passaram, mas uma construção social da memória guiada por filtros afetivos, refletindo uma ordem social e cultural que não se limita apenas ao momento relatado. Concordando com esse ponto, a pesquisadora Mônica Martinez (2019), ao estudar as narrativas de vida no contexto do jornalismo literário, afirma que “narrativas do Jornalismo Literário são as narrativas da vida inseridas em um determinado tempo e espaço” (MARTINEZ, 2019, p. 10) e reconhece que as narrativas são interligadas por afeto, vínculo e relações.

Martinez utiliza o conceito de Baruch Spinoza (2017, *apud* MARTINEZ, 2019) para definir afeto como as afecções, ou seja, estímulos sensoriais transformados em emoções) que passam pelo nosso corpo. Assim, compreende-se que afeto não se limita apenas a carinho, afeição e amor, mas também pode ser traduzido como raiva, inveja e ódio. Todavia, entende-se o afeto como algo relacionado a acolhimento, carinho e receptividade, que permearam grande parte das entrevistas realizadas. E são essas ligações de afeto as principais conexões feitas nas histórias de vida, seja entre entrevistador e entrevistado, entrevistado e as pessoas ao seu redor ou, até mesmo, do leitor com aquela narrativa, emocionando-se com as experiências relatadas. Os perfis buscam a profundidade aparente nos relatos do entrevistado ao diminuir o foco no

---

<sup>6</sup> Segundo Edvaldo Pereira Lima, a entrevista aplicada como recurso narrativo em uma reportagem é a “reprodução do diálogo entre entrevistador e entrevistado” (LIMA, 2004, p. 114).

factual e cumprem com o importante papel de se preocupar com a experiência do outro (SILVA, 2010).

Os relatos que compõem este projeto experimental expressam tal ponto ao revelarem a recepção positiva dos brasileiros com os personagens. Shiny Beulah, indiana, conta que seus amigos que fizeram intercâmbio para outros países não tiveram a mesma experiência. “Eu nunca vi algo assim, não recebi nenhuma reação negativa, nunca disseram nada contra mim ou minha nacionalidade. Sempre me senti confortável, não importa onde eu ia”, ela revela.

Não se pode, no entanto, interpretar tais relatos como verdade absoluta, mas compreendê-los como construção discursiva e representações possíveis de um eu (LESSA, 2015). O momento presente em que acontece a narração estabelece um “olhar retrospectivo sobre o passado e gera um passado específico em cada caso” (ROSENTHAL, 2014, p. 229), em constantes “momentos de interpretação e processos reinterpretativos” (ROSENTHAL, 2014, p. 238). Enquanto Rosenthal (2014) salienta a necessidade de diferenciar o passado vivenciado do passado narrado, mesmo tendo consciência de que ambos estão relacionados, Cláudio Lessa (2015) traz reflexões fundamentais sobre essa representação do eu ao ser feita uma narrativa. Há um certo distanciamento entre o eu que narra a história e o eu que viveu tais eventos, levando a julgamentos e interpretações determinados pelas referências sociais e éticas que formam o sujeito.

Foi possível observar essa concepção durante as conversas com as fontes que fazem parte deste trabalho. Em diversos momentos foram mencionadas interpretações diferentes dos eventos relatados se comparadas com interpretações feitas quando tais eventos aconteciam, sobretudo referente ao preconceito por ignorância sofrido nos primeiros momentos em Viçosa, como o relatado pelo moçambicano Momate Ossifo em suas primeiras semanas na cidade. “Quando a pessoa diz, por exemplo, para mim que sou moçambicano pergunta ‘Moçambique? Onde fica Moçambique?’. Eu digo que fica na África e ele já acha logo que é um país, a África.”, conta.

Por esse motivo, os relatos narrados pelos estrangeiros entrevistados foram ouvidos com extremo respeito. Tratar do outro, especialmente estrangeiros com culturas diferentes, requer certa sensibilidade. É necessário humanizar os personagens e fugir da banalização da vida humana. O ser humano deve ser o ponto de partida e chegada na narrativa jornalística, logo, tratá-lo como objeto é desumanizá-lo e reduzi-lo a estereótipos e caricaturas (IJUIM, 2017).

Nesse sentido, o livro-reportagem foi produzido baseado nos pilares de respeito e alteridade que o jornalismo literário e humanizado requer. Contar histórias é uma arte por si só



e “a arte de se contar histórias com primor literário, procurando-se retratar paisagens humanas e sociais com vigor, continua presente em ilhas de excelência narrativa, fiéis ao compromisso com a realidade” (LIMA, 2009, p. 158). O item a seguir aborda, portanto, a construção deste projeto experimental e os desafios de tratar personagens tão diversos com a devida humanização.

## 4 A PRODUÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM

A seleção do tema para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) veio antes mesmo de iniciar as disciplinas correspondentes. Buscando ampliar uma grande reportagem previamente produzida, foi decidido que a adaptação e trajetória de estudantes estrangeiros em Viçosa seriam a abordagem principal. Inspirada pelo trabalho realizado por Jéssica Morgenia da Silva Nascimento (2021) no livro-reportagem *Astromélias de marias: narrativas de vida de mulheres brasileiras*<sup>7</sup>, iniciei a minha própria apuração.

### 4.1 Pré-produção

Com o tema selecionado, o primeiro passo foi iniciar as pesquisas por bibliografias relacionadas a estrangeiros, sobre livro-reportagem e narrativas de vida. Como o projeto foi idealizado meses (e até anos, devido à pandemia) antes de se iniciar a produção, busquei os dados documentais que já tinha utilizado na grande reportagem escrita em 2019 e os atualizei. Foram, no total, onze relatórios da Diretoria de Relações Internacionais lidos e relidos para atualização do número de estrangeiros que passaram pela Universidade Federal de Viçosa.

Durante a pesquisa inicial, foi definido, juntamente com a orientadora do projeto, que seria desenvolvido um livro-reportagem perfil. Cada capítulo seria embasado no relato de um entrevistado, uma vez que cada um veio de um país diferente e teve experiências diferentes em relação ao seu tempo em Viçosa.

Com a estrutura definida, iniciei a leitura acerca de livro-reportagem, jornalismo literário e narrativas de vida na perspectiva de autores como Edvaldo Pereira Lima (2004;

---

<sup>7</sup> Apresentado e defendido em 2021 como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa, *Astromélias de marias: narrativas de vida de mulheres brasileiras* é um projeto experimental que relata a história de sete mulheres com pouco ou nenhum acesso à educação de qualidade. O livro-reportagem foi construído em forma de perfis, no intuito de compartilhar suas vivências a partir das memórias individuais de cada uma (NASCIMENTO, 2021).

2009), Felipe Pena (2006), Pedro Celso Campos (2009), Mônica Martinez (2009; 2017; 2019), Liliana Bastos (2004), Gabriele Rosenthal (2014) e Cláudio Lessa (2015). Dando início ao pré-projeto em dezembro de 2021, foram meses dedicados à leitura e estruturação do que viria a ser o livro-reportagem *Memórias Sob o Mesmo Céu*.

Era necessário, também, determinar a angulação na qual seriam narradas as histórias compartilhadas em cada perfil, uma vez que, segundo Campos (2009),

nada nem ninguém está isolado ou perdido no mundo. Buscar esses elos de interconexão do ser [...], sua trajetória, seus altos e baixos, suas glórias e suas misérias... é isto que faz o Jornalismo Literário Avançado, seja através do livro-reportagem, do flash-book, do perfil ou mesmo do texto curto. (CAMPOS, 2009, p. 8).

Após a leitura do referencial teórico concluída, o próximo passo foi revisitar a grande reportagem produzida em 2019 na disciplina de Narrativas Jornalísticas III – Jornalismo Literário, mas que não havia sido publicada. A seleção de fontes para aquele trabalho havia ocorrido de maneira simples. Eu ainda era membro do projeto Embaixadores UFV e pedi a alguns outros membros que me sugerissem estudantes de mobilidade que pudessem se interessar em compartilhar suas histórias. Quando tive o retorno dos que haviam se interessado, entrei em contato com eles pela primeira vez por mensagens de texto.

Uma vez que a maioria dos perfis que iriam compor o livro-reportagem aqui tratado foram apurados antes da pandemia de covid-19, era necessário analisar a validade da pauta. Dentre os onze entrevistados naquele ano, selecionei sete para constar neste projeto experimental – desconsidere aqueles que não se encaixavam na proposta do presente projeto, seja pelo compartilhamento pouco abrangente nos relatos ou pela mobilidade acadêmica ter ocorrido em outras cidades e, portanto, não se encaixar no tema proposto. Entrei em contato novamente com os sete para explicar o maior desenvolvimento do projeto inicial e renovar as autorizações de uso. Apenas seis retornaram o contato e permitiram a utilização da entrevista.

Estes foram: Momate Ossifo, de Moçambique; Isaac Obando, do Equador; Shiny Beulah, da Índia; Marc Michielsen e Freek Bomas, ambos da Holanda, e Micailo Freitas, da Angola. Entretanto, a necessidade de expandir os relatos se fez presente e, com isso, três novas entrevistas foram feitas, dentre elas uma revisita no relato de Isaac Obando. Duas novas seriam inéditas, surgidas de trocas pessoais com duas estrangeiras que se tornaram minhas amigas: Lady Diana, do Peru, e Ana Flores, de Honduras.

## 4.2 Produção e escrita

Revisitando as entrevistas realizadas em 2019 e com a autorização de utilizá-las nos novos moldes do projeto, foi necessário analisar e adaptar as perguntas que guiaram as conversas para que pudesse orientar as entrevistas de 2022 de modo semelhante, mas com mais cautela. Era preciso destrinchar as entrevistas de acordo com as experiências vividas por cada um e compreendendo que o novo cenário mundial após os anos de pandemia afetou cada um de uma maneira diferente.

O tratamento com todas as fontes foi um ponto crucial. As três entrevistas feitas em um período de sete dias em junho de 2022, com Lady, Ana e Isaac, este último para que pudesse ter uma atualização dos últimos anos, requeriam uma delicadeza e confiança ainda maior após os anos de isolamento social.

Nas histórias de vida, antes de mais nada, é preciso conquistar a simpatia do entrevistado. E isto não se faz com meias-verdades, com mentiras, com falsa identidade, com câmeras ocultas ou com qualquer outro expediente escuso. Pelo contrário, para estabelecer uma boa interação com a fonte, o jornalista deve ser honesto, transparente, amigo, companheiro. Ninguém abre a caixa preta da vida, na sua intimidade mais crua e mais exposta, a uma pessoa não confiável, estranha, maquiavélica. (CAMPOS, 2009, p. 11-12).

Todas as entrevistas foram realizadas em locais públicos (uma cafeteria ou uma padaria) escolhidos pelos próprios entrevistados. A ideia por trás dessa escolha era deixá-los confortáveis e confiantes ao compartilharem suas histórias do tempo que passaram no Brasil. Elas ocorreram de maneira informal, aproximando-se de uma conversa entre conhecidos. Era importante deixar as fontes falarem o que se sentiam confortáveis, apenas fazendo perguntas esporadicamente quando ocorria uma pausa significativa na narrativa ou para guiá-los entre as informações mais relevantes ao projeto.

O objetivo era ouvir o que tinham para compartilhar e isso exige, segundo Pedro Celso Campos (2009),

uma concentração especialíssima sobre o que está ouvindo, uma capacidade de percepção do real muito superior ao que normalmente chamamos de “prestar atenção”. Não basta prestar atenção, é preciso “entrar” na história, pensar junto com o entrevistado. (CAMPOS, 2009, p. 13).

Com as entrevistas gravadas e decupadas, iniciei o processo de escrita do livro-reportagem em julho de 2022. Foram dois meses dedicados a transformar aquelas horas de entrevistas em sete capítulos que viriam a constituir o presente trabalho.

As escolhas narrativas para a escrita do livro-reportagem perfil foram uma parte crucial do processo de produção. As histórias de vida, especialmente como recurso utilizado no jornalismo literário, podem vir como entrevista clássica, depoimento direto, ou até mesmo uma mescla entre os dois (LIMA, 2004). Vilas Boas (2003) afirma que o uso da estrutura de *leads* e a pretensão de imparcialidade pelo autor que tanto permeia o jornalismo cotidiano é inútil na construção de perfis. “Informações e percepções não se acomodam em compartimentos estanques.” (VILAS BOAS, 2003, p. 10).

O ponto de vista é “a extensão dos próprios olhos do leitor” (LIMA, 2004, p. 160) e deve ser selecionado criteriosamente a forma que a realidade será apresentada ao leitor com o intuito de não apenas informá-lo, como também “instigá-lo dentro da sua própria percepção do real” (SILVA, 2010, p. 409). *Memórias Sob o Mesmo Céu* foi escrito, essencialmente, em terceira pessoa, salvo a introdução do livro e a introdução de cada capítulo, escritos em primeira pessoa. O intuito era aproximar o leitor das sensações sentidas pelo autor ao escolher o tema do livro e no momento das entrevistas, tanto a aproximação com cada personagem quanto a ambientação das entrevistas.

“Envolver-se significa sentir” (VILAS BOAS, 2003, p. 14) e ao utilizar a primeira e terceira pessoas na narração foi possível mesclar técnicas jornalísticas com recursos literários e salientar emoções e vínculos entre os participantes do livro – seja os personagens com seus vínculos e relacionamentos, seja do entrevistador com os personagens e outras fontes entrevistadas. Afinal, um trabalho autoral se constitui de cinco elementos fundamentais: memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos (VILAS BOAS, 2003).

Houve momentos em que a narração se sobressaía em relação à descrição e vice-versa. A narração possui um caráter específico como processo “representativo dominado pelo relato de eventos que configuram o desenvolvimento de uma ação temporal (cronológica) que estimula a imaginação (a diegese da história)”, como observa Luiz Gonzaga Motta (2004, p. 3-4). Já a descrição é um procedimento representativo de um único momento estático que busca criar o efeito do que foi real. Segundo Motta (2004),

A diáde narração/descrição não é perfeitamente simétrica. Ocorrem sempre incrustações de uma na outra. No jornalismo (como em outros gêneros) é praticamente impossível encontrar textos puramente descritivos tanto quanto aqueles exclusivamente narrativos. (MOTTA, 2004, p. 3-4).

As entrevistas foram feitas, majoritariamente, em português. Alguns personagens entrevistados estavam no Brasil há mais tempo que outros, seja em questão de anos ou meses, e entendiam a língua portuguesa. Outros tiveram certa dificuldade e misturavam o espanhol nas frases. Houve aqueles que já tinham o português como língua predominante. Aqueles que não tinham nem o português nem o espanhol como primeira língua fizeram as entrevistas em inglês. Eu tomei a liberdade de utilizar a oralidade e traduções quase literais em alguns fragmentos, seguindo a tradição do jornalismo literário de prestar mais atenção ao uso da oralidade que o jornalismo tradicional, “à forma com que as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e suas ações, enfim, sua forma de ver e de se relacionar com o mundo” (MARTINEZ, 2009, p. 72).

### **4.3 Pós-produção**

A etapa final de produção do *Memórias Sob o Mesmo Céu* se iniciou muito antes da finalização da parte escrita. Entre junho e julho de 2022, comecei a entrar em contato com artistas locais e regionais, por meio de indicações, pedindo orçamentos para ilustrações do livro-reportagem. Após ponderação, contratei os serviços da Aspecto Jr, empresa júnior da Universidade Federal de Juiz de Fora, formada por estudantes do Instituto de Artes de Design, e trabalhei diretamente com Jupiter Coimbra e Giovanna Ramos.

Ao longo das entrevistas, solicitei que os estudantes de mobilidade compartilhassem comigo fotografias para que pudessem compor o livro. Jupiter, além de ficar responsável pela ilustração da capa, também fez as capas que introduziram cada capítulo e personagem. Todas as fontes concordaram em compartilhar suas imagens. Porém, por escolha autoral e para dar certa privacidade aos que ainda residem em Viçosa, suas fotos serviram de inspiração para ilustrações que representam suas personalidades e um pouco do que cada um compartilhou de si mesmo. Cada ilustração traz um conceito, que será discutido no próximo item, “Personagens”, de forma mais detalhada.

Após a escrita, o material passou pela revisão da orientadora e, mais tarde, pela revisão ortográfica. Com o material pronto, comecei a dar forma ao livro.

Figura 1 - Capa do livro



Fonte: Arquivo pessoal. Ilustração: Jupiter Coimbra.

O livro-reportagem foi diagramado no programa *Adobe InDesign 2021*, tendo como corpo do texto a *fonte LT Remark* ao longo das suas 112 páginas. A fonte do título que aparece na capa, *Raustila Regular*, bem como a fonte que aparece nas capas de cada capítulo, *Linux Biolinum*, foram escolhidas a dedo por Giovanna Ramos para este projeto. A capa, que traz a ilustração da entrada da Universidade Federal de Viçosa sob o céu noturno, foi imaginada muito antes da escrita final do livro. Durante todo o processo de produção, o nome *Memórias Sob o Mesmo Céu* passou diversas vezes pela minha mente, bem como um rascunho de como seria a ilustração final. Foram oito estrangeiros (marcados na capa pelas estrelas mais brilhantes, seguindo mais ou menos a posição geográfica de cada país) que concordaram em compartilhar suas histórias com os leitores deste livro e, assim, dividir as memórias que criaram em uma mesma cidade, tendo essas se cruzado entre si ou não.

## 5 PERSONAGENS

Este capítulo é dedicado aos personagens que compõem o livro-reportagem *Memórias Sob o Mesmo Céu*. Cada um deles veio de um país diferente e compartilha histórias distintas. Ficaram em Viçosa durante meses ou até mesmo anos, e cada segundo em solo brasileiro gerou uma memória marcante. Por isso, falarei um pouco sobre cada estudante que concordou em partilhar conosco suas histórias e como foi conversar com eles de forma mais pessoal.

### 5.1 Momate Emate Ossifo

Momate é um homem negro que veio de Moçambique. Fiz com ele minha primeira entrevista no dia 17 de setembro de 2019, às 16h. Consegui seu contrato através de um amigo, Felipe, que era na época o Embaixador responsável por auxiliar Momate durante seu tempo na cidade. Eu sabia que o estudante de mobilidade que ele auxiliava era africano e ter sua experiência relatada seria incrível para o trabalho. Combinamos de ter nossa entrevista no Café do Especialista, na Avenida P. H. Rolfs. Ele chegou em menos de dez minutos e percebi que estava um tanto nervoso. Confessou que nunca tinha dado uma entrevista antes, mas depois que pedi sua autorização para gravar e deixei o celular um pouco de lado, ele se sentiu mais confortável. Mesmo quando a timidez ameaçava tomar mais controle, em nenhum momento ele desviou os olhos dos meus.

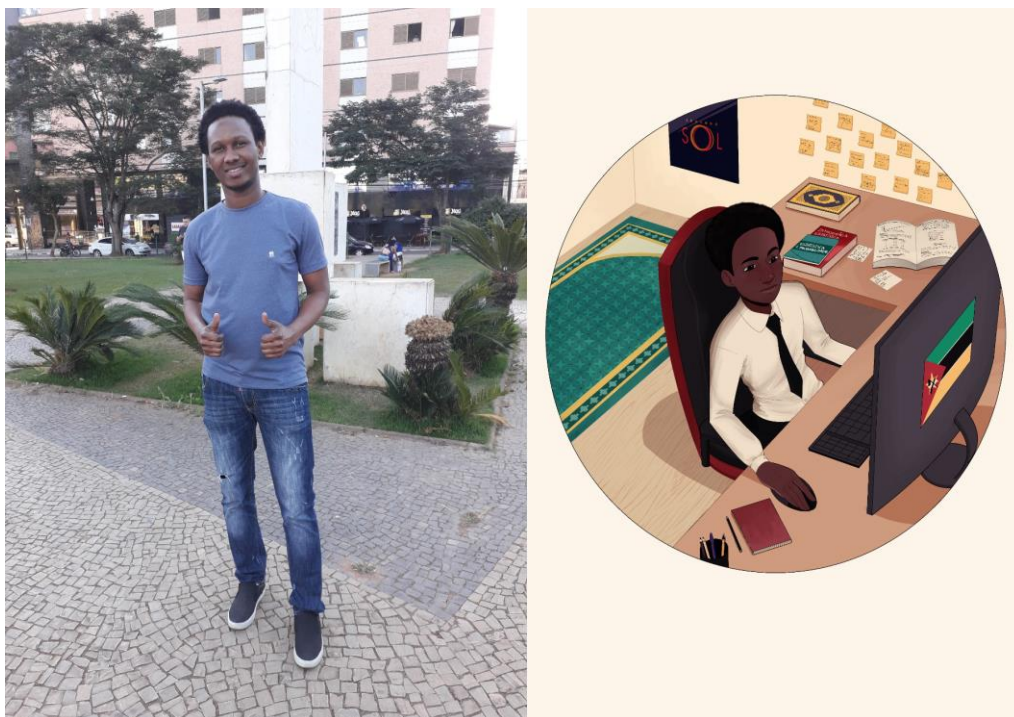
Foi uma conversa enriquecedora, e, ao final dos quase quarenta minutos, as perguntas esporádicas serviram apenas como guias para sua narrativa. E foi nessa primeira conversa que percebi que descobriria diversas singularidades culturais que divergiam da minha própria cultura. Seria um projeto enriquecedor de forma acadêmica e pessoal.

Entrei em contato com Momate novamente em junho de 2022 e ele prontamente renovou a autorização para que eu pudesse utilizar suas histórias no projeto experimental. A fotografia e seu relato serviram de inspiração para que Jupiter criasse sua ilustração. Como conceito principal utilizado em todas as ilustrações dos personagens, Momate foi representado em um quarto, rodeado de detalhes mencionados em nossa conversa que o caracterizam bem.

A bandeira de Moçambique está pendurada atrás da tela do computador em que trabalha. Ao seu redor, diversos livros de Estatística estão espalhados e abertos, bem como fórmulas em *post-its* pregados na parede. O livro mais distante na mesa é o Alcorão, o livro sagrado de sua religião. No chão, às suas costas, está um tapete de rezas, uma vez que em seu depoimento

Momate disse que são feitas em casa devido à falta de templos em Viçosa. Por fim, na parede acima do tapete, está pendurado um pôster da novela *Segundo Sol*, representando a influência brasileira que ele menciona em seus relatos. Momate usa uma camisa social e gravata na ilustração, em alusão à vestimenta formal obrigatória em salas de aula moçambicanas.

Figura 2 - Foto e ilustração de Momate



Fonte: Arquivo pessoal. Ilustração: Jupiter Coimbra.

## 5.2 Shiny Beulah

Eu diria que minha entrevista com Shiny veio como um golpe de sorte. Na quarta-feira, no dia 18 de setembro de 2019, consegui o número da indiana por meio de amigos que faziam parte do Embaixadores comigo e já haviam tido contato com ela. Entrei em contato com ela rapidamente, solicitando uma entrevista para a próxima semana. Porém, ela me informou que iria embora em dois dias, naquela mesma sexta-feira, uma vez que seus três meses de estágio estavam acabando. Rapidamente cancelei qualquer compromisso que teria naquele dia e combinamos de nos encontrar às 15h na cafeteria Coffee Bitt, que hoje já não existe mais devido ao fechamento durante a pandemia.

Eu mesma estava nervosa. Era a primeira vez que eu fazia uma entrevista formal em inglês, apesar de já ter tido contato com a língua. Contudo, seu sotaque era carregado, suas



palavras eram corridas e sua voz era alta, e eu levei alguns minutos para me acostumar com o ritmo. Ela estava contente em dividir sua história comigo e com potenciais leitores, e não precisei fazer muitas perguntas para guiar nossa conversa. Foi nessa mesma entrevista que percebi o quão engrandecedor seria para mim, não apenas para minha vida acadêmica, com o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, mas também de forma pessoal, para conhecer partes de outra cultura que talvez eu não tivesse a oportunidade de conhecer de outra forma.

Shinny não foi facilmente representada em um quarto de estudos. Foi uma das personagens mais extrovertidas e, por isso, decidimos utilizar certa liberdade artística para colocá-la em uma apresentação cultural com diversos objetos que remetem aos seus relatos. Ela usa uma roupa típica indiana, com instrumentos em suas mãos de seu curso de Engenharia de Biotecnologia. Ao seu lado estão placas de banheiro e uma mala para representar duas das histórias mais marcantes em seu tempo no Brasil. A bandeira da Índia aparece no desenho como uma *tag* de identificação da mala.

Figura 3 - Foto e ilustração de Shinny



Fonte: Arquivo pessoal. Ilustração: Jupiter Coimbra.

### 5.3 Marc Michielsen e Freek Bomas

A entrevista com Marc e Freek foi uma experiência que eu nunca tinha tido antes. Entrei em contato com eles por meio de uma Embaixadora que os conhecia. Ela era responsável por auxiliar um holandês que chegou à Viçosa junto com Marc e Freek, mas que na época não tinha aceitado fazer uma entrevista. Na época, eu procurava intercambistas que vinham de todos os continentes para compor minha grande reportagem, mas eles eram um dos poucos europeus que vieram no segundo semestre de 2019. Conversei com eles sobre a proposta da entrevista e eles rapidamente concordaram em participar, contanto que a entrevista fosse com os dois juntos.

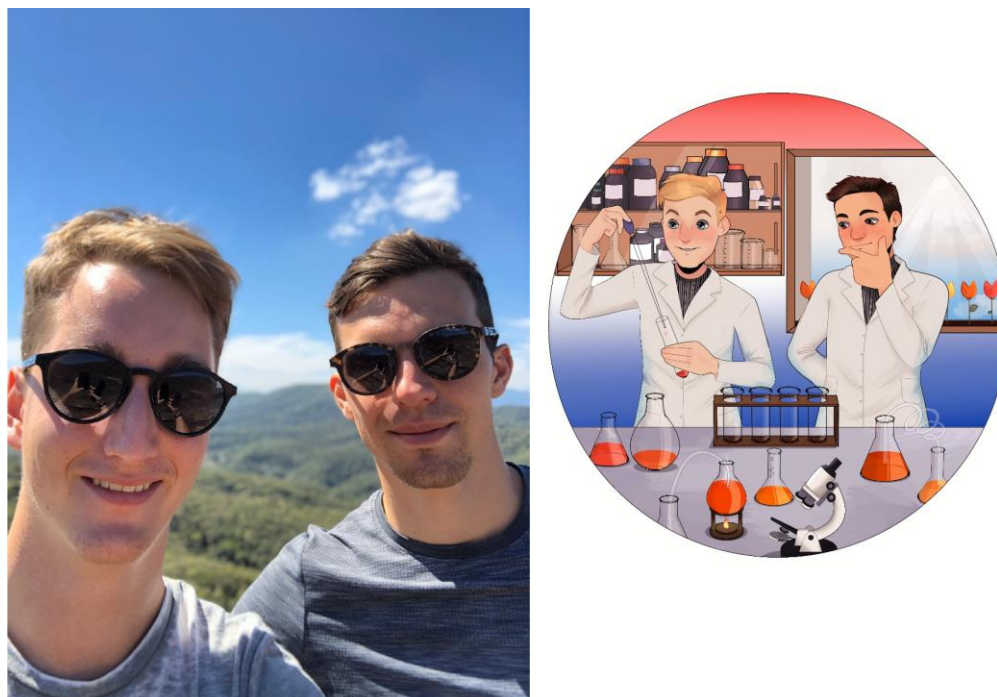
Eu nunca tinha feito uma entrevista dupla e não sabia qual caminho seguir. No entanto, decidi que a tentativa era válida e, assim, marcamos para o dia 20 de setembro de 2019, às 16h, poucas semanas depois que eles chegaram em Viçosa. Nos encontramos na frente da entrada da universidade, nas Quatro Pilastras, e assim fomos juntos até o Vitrola, uma cafeteria não muito longe dali e que hoje já não existe mais, pois fechou durante a pandemia. Aproveitamos a caminhada para nos apresentar pessoalmente e eles até o fizeram em português. Depois dos quase dez minutos de caminhada em que eu explicava mais uma vez e com mais detalhes a ideia inicial do trabalho, cada um pediu um café expresso e nos sentamos em uma mesa ao ar livre. E, apesar de nós três termos reconhecido os olhares à nossa volta, nós os ignoramos e iniciamos nossa entrevista em inglês.

Apesar de ser a primeira entrevista em dupla que fazia, aproveitei a oportunidade para observar dinâmicas que não são possíveis em uma entrevista individual, como o modo discrepante que cada um reagia aos próprios relatos e como interagiam entre si e com o ambiente. As perguntas feitas permitiam respostas de ambos e não foi difícil identificar que, enquanto Freek desenvolvia mais as histórias, Marc era mais aberto ao se expressar, gesticulando mais. Foi interessante observar como os dois amigos completavam frases um do outro e sempre acrescentavam algum comentário pertinente quando o outro parecia ter se esquecido de algo.

Marc e Freek são holandeses e, assim como a maioria de seus compatriotas, vieram à Viçosa por um programa de estágio laboratorial que duraria um semestre. Eles conheceram essa oportunidade de intercâmbio no laboratório do prédio onde estudavam, então foi ali onde foram representados: com diversos instrumentos químicos ao seu redor. A cor laranja, sendo muito relacionada à Holanda, predominou neste desenho, bem como as tulipas que aparecem na

janela. A bandeira do país, desta vez, não aparece de forma concreta, porém em degradê na pintura da parede.

Figura 4 - Foto e ilustração de Freek, à esquerda, e Marc, à direita



Fonte: Arquivo pessoal. Ilustração: Jupiter Coimbra.

#### 5.4 Micailo Chames M. Freitas

Micailo é angolano e compartilhou um dos relatos que mais me surpreendeu. Conheci-o através de uma colega de turma, uma africana do Benin que havia vindo à Viçosa cursar toda a graduação de Comunicação Social/Jornalismo e estava inserida na comunidade africana que havia se formado na cidade. Perguntei-a se conhecia alguém que estava há mais tempo residindo no município e teria interesse em participar do trabalho. Foi assim que consegui o número de Micailo e rapidamente entrei em contato com ele. Nossa entrevista foi no dia 04 de outubro de 2019, às 15h, na cafeteria Coffee Bitt. Tinha um jeito retraído e admitiu estar nervoso por ser uma entrevista, mas ainda assim não desviou os olhos dos meus tantas vezes. Quando ficou mais confortável após alguns minutos de conversa mais descontraída, contou que chegou em Viçosa em 2011 para fazer graduação em Economia.

Ele não se apaixonou pela cidade à primeira vista. Na verdade, suas dificuldades foram tantas que pensou em abandonar o curso e voltar à Angola ainda nos primeiros dias. Entretanto, quando finalmente conseguiu se acomodar em um lugar mais permanente com a ajuda da

comunidade africana em Viçosa, ele foi descobrindo os encantos do *campus* e de seus arredores. Na época de nossa entrevista, ele estudava para tentar fazer seu mestrado em alguma universidade brasileira para não ter que retornar. Quando entrei em contato com ele novamente para renovar a autorização de uso, na etapa de produção deste livro-reportagem, ele me contou que continuava no Brasil. Iniciou um mestrado no Rio de Janeiro, mas trancou depois de um ano. Hoje, ele mora em Araponga, cidade que fica a cerca de 53 quilômetros de distância de Viçosa, mas está sempre visitando o *campus* que o acolheu.

Micailo, em seu desenho, aparece em um quarto de estudos. À sua volta estão diversos itens que remetem ao curso de Economia que ele cursou, inclusive o diploma pendurado na parede. Na televisão, aparece a bancada do Jornal Nacional, representando a influência prévia mencionada por ele em seus relatos. Na estante acima, um retrato de família com um globo. Ao lado, no calendário, estão as bandeiras do Brasil e da Angola, bem como o ano de 2011, o ano em que ele iniciou sua vida em Viçosa.

Figura 5 - Foto e ilustração de Micailo



Fonte: Arquivo pessoal. Ilustração: Jupiter Coimbra.

## 5.5 Ana Carolina Flores Mayorga

Meu primeiro contato com Ana Flores, como é mais conhecida entre seus amigos brasileiros, foi informal. Nos conhecemos quando ela se tornou membro voluntário do projeto Embaixadores, quando eu ainda fazia parte dele. Depois de nos aproximarmos, conversei com

ela sobre a possibilidade de se tornar parte dos personagens deste livro-reportagem, e ela prontamente aceitou.

Ana foi de longe uma das fontes mais extrovertidas deste projeto. Assim como Shinny, as perguntas realizadas por mim foram poucas, feitas apenas quando sentia que seus relatos não contemplavam todas as nuances necessárias para a escrita do livro-reportagem. Porém, a direção quase não foi necessária, uma vez que ela relatou diversas histórias sobre seu tempo em Viçosa.

A hondurenha, que também tem nacionalidade nicaraguense, está em Viçosa para uma graduação completa de Medicina Veterinária, uma vez que não é um curso comum em Honduras. Nossa entrevista, que aconteceu no dia 27 de junho de 2022, às 19h, no Café do Especialista, demorou diversos dias na tentativa e erro. Ana tem uma rotina conturbada, entre aulas, estágios e projetos e, quando finalmente pudemos nos sentar para conversar, cada minuto foi importante. Entre curiosidades e risadas, esta foi a entrevista que mais demorou e que mais rendeu páginas no livro-reportagem, quase o dobro das outras fontes. Tenho certeza de que, se não fosse pelo horário de fechamento da cafeteria, poderíamos ter passado horas conversando.

O desenho de Ana é o que possui mais detalhes relacionados aos seus relatos. As bandeiras de Honduras e Nicarágua estão penduradas na estante e no porta-canetas, e o mar do lado de fora de seu quarto é um símbolo de ambos os países, bem como do tempo que ela passou em Niterói (RJ) para aprender a língua portuguesa. O curso de Medicina Veterinária está representado com os diversos enfeites e fotos de animais às suas costas. Na estante com os livros, um pequeno objeto maia acrescentado por Jupiter. Na parede, as fotografias representam diversos momentos de sua narrativa: Ana com a bandeira do Brasil; Ana e Lady, cada uma com a bandeira de seu país; a mesma foto das Quatro Pilastras na entrada da universidade que compõe a capa deste livro-reportagem; uma praia; um time de vôlei; um gatinho; e, por fim, um adesivo com a logo dos Embaixadores UFV para representar o tempo em que foi membro do projeto.

Ana, assim como Shinny, tem uma personalidade mais extrovertida e, por isso, foi desenhada conversando animadamente ao celular. Ela usa um uniforme de vôlei, remetendo à história que, de acordo com ela, foi uma das mais marcantes em seu tempo no Brasil, e em suas mãos ela tem um prato de *catrachos*, a comida típica de Honduras que também se transformou em um gentílico para hondurenhos.

Figura 6 - Foto e ilustração de Ana Flores



Fonte: Arquivo pessoal. Ilustração: Jupiter Coimbra.

## 5.6 Isaac Andres Mora Obando

Isaac foi uma das três fontes com quem eu já tinha um contato prévio. Os laços criados por amizades em comum facilitaram para que eu pudesse convidá-lo a fazer parte da grande reportagem que na época eu estava escrevendo. Primeiro informalmente e mais tarde com mais detalhes, expliquei qual eram meus planos e qual seria o objetivo destas entrevistas. Com o convite aceito, nós marcamos nossa primeira entrevista formal e gravada para às 11h do dia 18 de setembro de 2019.

Cada um com um copo de café e um pão de queijo na mão, nos sentamos em uma mesa mais afastada na área aberta da cafeteria da Biblioteca Central, no *campus* da universidade. Mesmo em um ambiente conhecido, Isaac pareceu nervoso e retraído com a entrevista, desviando os olhos dos meus com frequência e fazendo gestos fechados. Mas, à medida que eu fazia alguns comentários mais pessoais, mais como amiga e menos como entrevistadora, ele passou a compartilhar mais detalhes de sua história no Brasil.

Entrei em contato com o equatoriano novamente quando minha grande reportagem se transformou em um livro-reportagem e, além de renovar a autorização de uso de nossa primeira entrevista, solicitei também uma segunda entrevista, uma vez que ele era o único que ainda morava em Viçosa. A necessidade de uma visão atual e uma conversa que abarcasse os anos de

pandemia e como isso o afetou se fez presente, e nos encontramos novamente em 24 de junho de 2022, às 17h, na padaria Bendito Pão, próximo de sua casa e de onde eu trabalhava.

Foi uma conversa rápida, cerca de 25 minutos, uma vez que as perguntas feitas embarcavam somente os dois últimos anos. Mas, Isaac já tinha uma ideia de como seria dar uma entrevista e, por isso, pude perceber que não estava tão agitado quanto na primeira. Mencionou, inclusive, que tinha ido preparado para duas horas de entrevista, mas os minutos em que ele compartilhou novas informações foram enriquecedoras para seu capítulo.

Durante as reuniões de ideias para as ilustrações, Isaac foi um dos mais difíceis de definir como seria sua representação. Não havia nada nos relatos que poderiam incrementar uma representação em um quarto como os outros foram representados. Portanto, no desenho, ele se encontra no parque Mitad del Mundo<sup>8</sup>, a cerca de 13 quilômetros da capital Quito, onde fica o monumento que representa onde estaria a linha do Equador, que divide o planeta em dois hemisférios. Além disso, ele se encontra com um jaleco do curso de Medicina Veterinária, com uma pequena bandeira do Equador pendurada em um dos bolsos.

Figura 7 - Foto e ilustração de Isaac



Fonte: Arquivo pessoal. Ilustração: Jupiter Coimbra.

---

<sup>8</sup> Informações encontradas em: <https://www.viajenaviagem.com/quito-linha-equador-ciudad-mitad-del-mundo/>. Acesso em: 01 out. 2022.

## 5.7 Lady Diana Choque Olivares

Lady Diana, como iniciei no capítulo referente a ela no livro-reportagem, lembra-me muito uma princesa. Sempre educada e discreta, mas não necessariamente introvertida. Nos conhecemos pelo Embaixadores, porém, só nos aproximamos mais quando trabalhamos juntas na mesma coordenadoria no projeto. Passei algumas semanas explicando a ela como seria o projeto e, por fim, quando estava na etapa de revisitar entrevistas e marcar novas se necessário, finalmente marcamos o dia. Nossa entrevista aconteceu no dia 30 de junho de 2022, às 19h, na cafeteria Boca Viçosa.

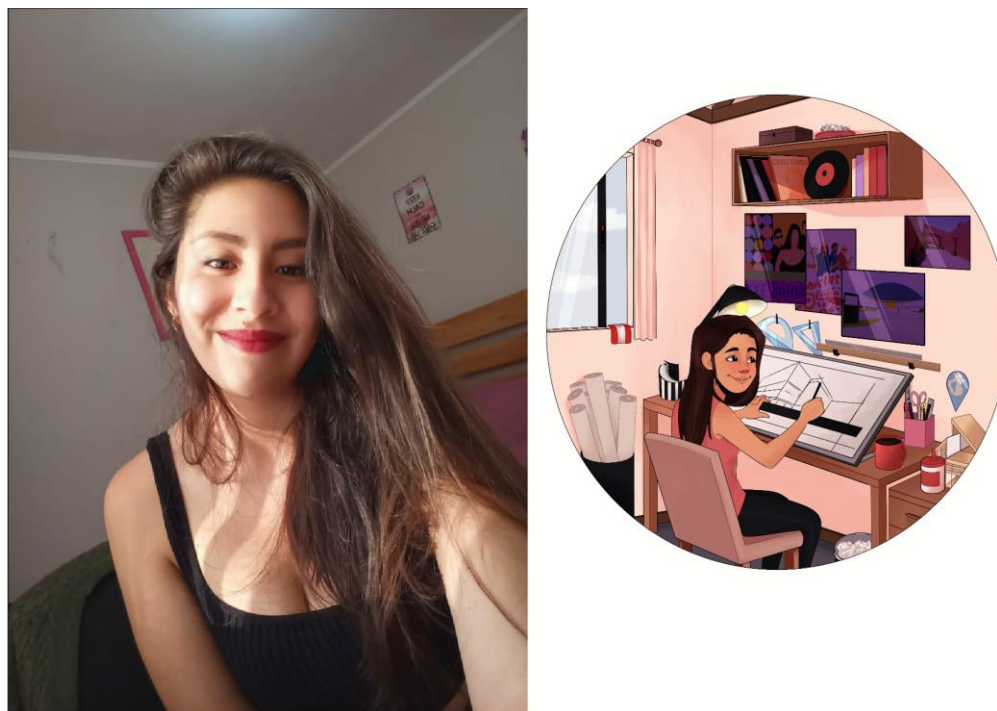
A entrevista foi curta, mas proveitosa. Lady, como é mais conhecida entre os amigos brasileiros, sempre foi um pouco tímida e, mesmo em um ambiente mais convidativo, suas respostas não foram desenvolvidas de forma mais aprofundada e, por isso, fiz mais perguntas ocasionais para guiar nossa conversa. Ela já fala português fluentemente, então imagino que o tom mais formal do que parecia ser uma conversa entre amigas possa ter chamado a atenção de uma dupla de garotas adolescentes em uma mesa próxima. Elas permaneceram no local e nos observando durante todo o tempo em que estivemos lá.

Lady veio do Peru por incentivo de seu pai para se inscrever em uma bolsa de estudos. Está fazendo uma graduação completa em Arquitetura e, apesar de sua mãe ter sido contra inicialmente, hoje diz que foi uma das melhores escolhas que ela poderia ter feito. Por esse motivo, Lady foi representada em um quarto, cercada por objetos que remetem ao seu curso, como as plantas enroladas ao seu lado, as maquetes ao seu redor e a mesa onde trabalha. Na parede, cartazes de bandas musicais de axé brasileiro, como Axé Bahia e Chiclete com Banana, remetem à influência citada por ela em seus relatos, bem como o disco de Chico Buarque na estante. Ao lado dos cartazes, estão fotos de um monumento de Oscar Niemayer e do Mosteiro de Santa Catalina, no Peru.

Ao lado de Lady, há uma caneca cheia de café, para representar seu costume de consumir muito a bebida, e um adesivo com a logo dos Embaixadores UFV, pelos anos que passou como voluntária no projeto. No alto da estante, uma coroa que remete à origem de seu nome, Lady Diana, e, por fim, a bandeira do Peru pendurada à janela.



Figura 8 - Foto e ilustração de Lady



Fonte: Arquivo pessoal. Ilustração: Jupiter Coimbra.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu não imaginava que escreveria um livro-reportagem como meu Trabalho de Conclusão de Curso quando entrei no curso de Comunicação Social – Jornalismo. Meu sonho sempre foi contar histórias, mas a ideia deste projeto experimental passou por diversas modificações ao longo do tempo, seja no produto a ser realizado, ou no tema. Quando finalmente chegou a hora de colocá-lo em prática, minha maior dificuldade não foi na apuração das histórias dos estrangeiros, como eu havia previsto, mas na escrita. Eu não queria um trabalho que mudasse a visão de mundo das pessoas que o leriam, nem mesmo queria buscar pelas raízes e desdobramentos dos acontecimentos, como propõe Lima (2004), mas percebi apenas que eu deveria fazer o que sempre quis: contar histórias.

Então, seguindo os princípios de jornalismo humanizado pregado por Ijuim (2017), tudo foi feito com bastante sensibilidade, evitando reduzir os estrangeiros a estereótipos e caricaturas. Koltai (1998) afirma que os processos migratórios deixam marcas, e as culturas que se intercalam nunca retornam ao seu estado original isolado. Em *Memórias Sob o Mesmo Céu*, não busquei abranger uma narrativa completa da vida das fontes, ou de todas as vivências delas em solo brasileiro, quis apenas recortar certos momentos de uma trajetória que os marcaram.

O impacto que as pessoas têm umas nas outras não é facilmente mensurável. Sair de casa nunca é uma escolha fácil, por qualquer motivo, seja por apenas uma semana, um semestre, ou até mesmo para fazer uma graduação inteira. Contudo, essas pessoas vieram e deixaram sua marca. Assim como suas experiências no Brasil deixaram marcas nelas. Esse foi o objetivo deste trabalho: explorar algumas nuances do hibridismo cultural na troca de experiências de cada um dos estrangeiros que concordaram em dividir seus relatos.

É possível refletir também no espaço do “Outro” em produções jornalísticas. Aqui, o cidadão anônimo representado – e tão referenciado por Lima (2004) – foi o estrangeiro que vem de fora, diferente da nossa cultura e das nossas raízes. Mas, a prática de escuta e acolhimento pode (e deve) ser estendida também ao cidadão inserido em espaços diferentes do nosso. Abordar perfis anônimos, ouvi-los e dar espaço para que projetem suas vozes é um desafio que nós, jornalistas, devemos levar adiante não apenas para a construção de livros-reportagem, com extensos processos de apuração, como também na inserção dessas pessoas no jornalismo cotidiano.

A minha experiência com a produção deste livro-reportagem foi enriquecedora, bem como meu tempo como membro voluntário do projeto Embaixadores UFV. Não apenas conheci pessoas de cursos diferentes que trabalharam comigo dentro do projeto, como tive a oportunidade de conhecer estudantes de mobilidade que vieram para Viçosa, seja apenas por alguns meses, ou para estudar na instituição durante anos. Pude ajudar algumas dessas pessoas, explicando como funciona a dinâmica dos estudantes ou apenas esclarecendo algum costume brasileiro desconhecido para eles.

Conectar-me com as pessoas que fizeram parte deste Trabalho de Conclusão de Curso foi incrivelmente gratificante. Conhecer um pouco mais de suas histórias e ter um contato mais próximo com pessoas tão diferentes entre si proporcionou uma visão mais ampla e empática para com as pessoas com quem convivo e para saber lidar com as pessoas em minha futura profissão. Espero ter deixado minha marca neles, por menor que seja, assim como sei que deixaram em mim.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Liliana Cabral. Narrativa e vida cotidiana. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118-127, 1 sem. 2004. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12548>. Acesso em: 13 mar. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é a Covid-19?**. 08 abr. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- CAMPOS, Pedro Celso. Gêneros do jornalismo e técnicas de entrevistas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 6, n. 1, p. 127–141, jan./jun. 2009. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n1p127>
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 1989. (Coleção Ensaio Latino-americanos, 1).
- CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- CAPOTE, Truman. **A sangue frio: o relato fiel de um assassinato múltiplo e suas complicações**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- ESPEIORIN, Vagner Adílio; SÓLIO, Marlene Branca. Uma pitada de literatura no jornalismo: o perfil na revista Piauí. In: CONGRESSO DE COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 12., 2012, Chapecó. **Anais eletrônicos [...]**. Chapecó: Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1134-2.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2022.
- HÁ dois anos, OMS declarava o início da pandemia de Covid. **Jornal Nacional**, 11 mar. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/03/11/ha-dois-anos-oms-declarava-o-inicio-da-pandemia-de-covid.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- IBGE (Brasil). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa/pesquisa/23/24007>. Acesso em: 21 dez. 2021.
- IJUIM, Jorge Kanehide. Por que humanizar o jornalismo?. **Verso e Reverso**, v. 31, n. 78, p. 235-243, set./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.4013/ver.2017.31.78.07>
- KOLTAL, Caterina (Org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta, 1998.
- LESSA, C. A discursivização da memória em relatos autobiográficos de alunos da EJA. **Revista Vertentes & Interfaces II: Estudos Linguísticos e Aplicados**, v. 7, n. 1, p. 161-186, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/5741/5516>. Acesso em: 26 fev. 2021.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Jornalismo e literatura: aproximações, recuos e fusões. **Anuário Unesco/Metodista de comunicação regional** (Impresso), v. 13, n. 13, p. 145-159, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2004.

MARTINEZ, Mônica. Jornalismo literário: a realidade de forma autoral e humanizada. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 6, n. 1, p. 71–83, jan./jun. 2009. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n1p71>

MARTINEZ, Mônica. Jornalismo literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 21-36, set./dez. 2017. DOI: 10.1590/1809-5844201732

MARTINEZ, Mônica. HEIDEMANN, V. Jornalismo literário: afeto e vínculo em narrativas. **Lumina**, v. 13, n. 1, p. 4-14, jan./abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2019.v13.26055>

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **E-Compós**, v. 1, 2004. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.8>

NASCIMENTO, Jéssica Morgenia da Silva. **Astromélias de marias**: narrativas de vida de mulheres brasileiras. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2021. Disponível em: <https://www.jornalismo.ufv.br/wp-content/uploads/2022/01/Jéssica-Morgenia-da-Silva-Nascimento.pdf>. Acesso em: 13 out. 2022.

OLIVEIRA, Andresa Caroline Lopes de Oliveira; LEAL, Plínio Marcos Volponi. Jornalismo literário: gêneros, características narrativas e contribuições para a imprensa escrita. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 18., 2013, Bauru. **Anais eletrônicos [...]**. Bauru: Intercom, 2013. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0911-1.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2022.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais eletrônicos [...]**. Brasília: Intercom, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1506-1.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2022.

Rosenthal, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: A interrelação entre experiência, recordar e narrar. **Civitas**, v. 14, n. 2, p. 227-249, 2014. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.2.17116>

SILVA, Amanda Tenório Pontes. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 7, n. 2, p. 403-412, jul./dez. 2010. DOI: 10.5007/1984-6924.2010v7n2p403

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais. **Relatório Anual DRI – 2010**. [Viçosa, MG: UFV, DRI], 2010. Disponível em: <https://www.dri.ufv.br/wp-content/uploads/2010.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais. **Relatório Anual DRI – 2011**. [Viçosa, MG: UFV, DRI], 2011. Disponível em: <https://www.dri.ufv.br/wp-content/uploads/2011.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais. **Relatório Anual DRI – 2012**. [Viçosa, MG: UFV, DRI], 2012. Disponível em: <https://www.dri.ufv.br/wp-content/uploads/2012.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais. **Relatório Anual DRI – 2013**. [Viçosa, MG: UFV, DRI], 2013. Disponível em: <https://www.dri.ufv.br/wp-content/uploads/2013.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais. **Relatório Anual DRI – 2014**. [Viçosa, MG: UFV, DRI], 2014. Disponível em: <https://www.dri.ufv.br/wp-content/uploads/2014.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais. **Relatório Anual DRI – 2015**. [Viçosa, MG: UFV, DRI], 2015. Disponível em: <https://www.dri.ufv.br/wp-content/uploads/2015.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais. **Relatório Anual DRI – 2016**. [Viçosa, MG: UFV, DRI], 2016. Disponível em: <https://www.dri.ufv.br/wp-content/uploads/Relat%c3%b3rio-2016.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais. **Relatório Anual DRI – 2017**. [Viçosa, MG: UFV, DRI], 2017. Disponível em: <https://www.dri.ufv.br/wp-content/uploads/Relatorio-2017.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais. **Relatório Anual DRI – 2018**. [Viçosa, MG: UFV, DRI], 2018. Disponível em: <https://www.dri.ufv.br/wp-content/uploads/2018.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais. **Relatório Anual DRI – 2019**. [Viçosa, MG: UFV, DRI], 2019. Disponível em: <https://www.dri.ufv.br/wp-content/uploads/Relat%C3%B3rio-2019.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais. **Relatório Anual DRI – 2020**. [Viçosa, MG: UFV, DRI], 2020. Disponível em: <https://www.dri.ufv.br/wp-content/uploads/2020.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2022.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.